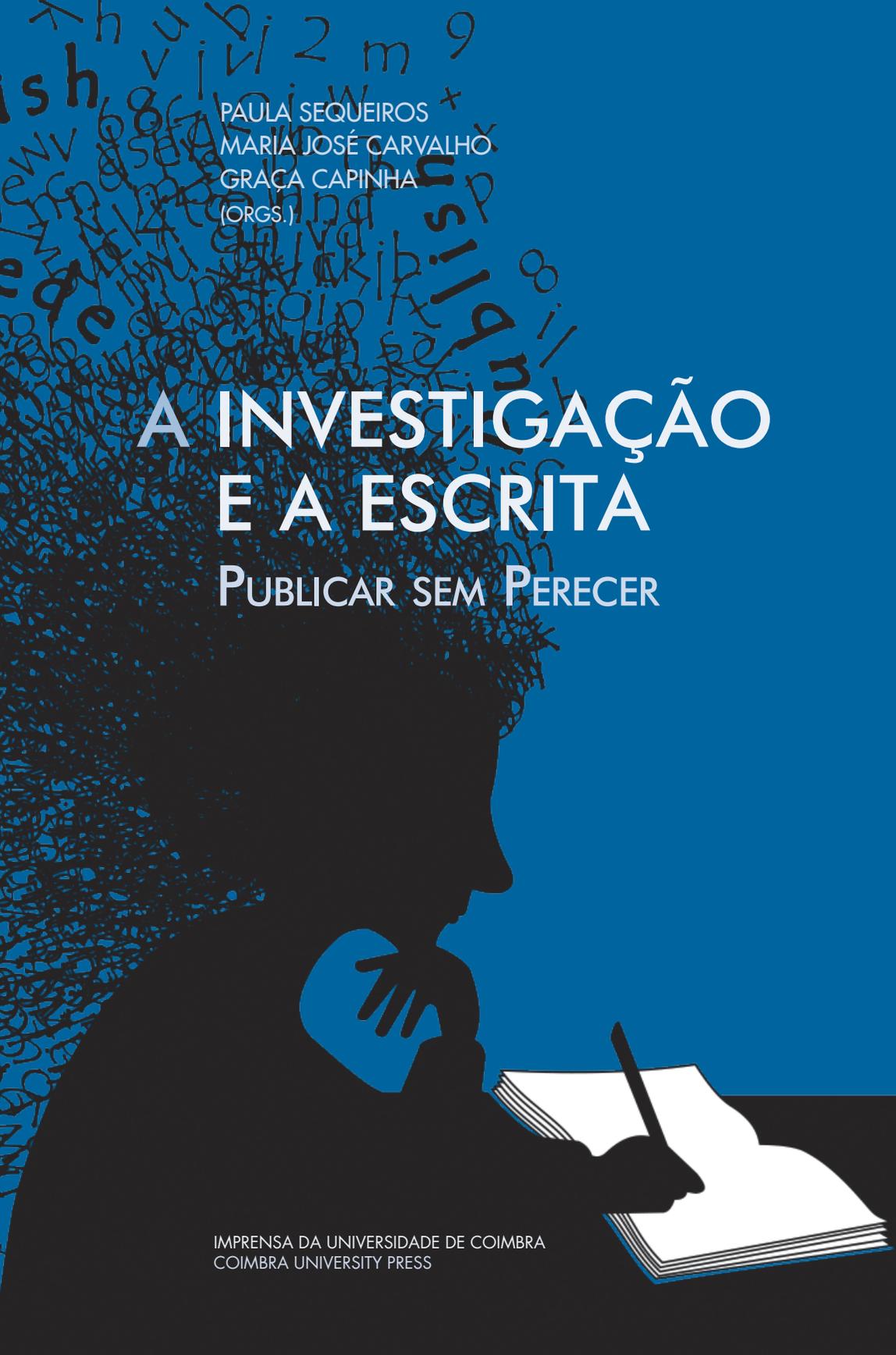


PAULA SEQUEIROS
MARIA JOSÉ CARVALHO
GRAÇA CAPINHA
(ORGS.)

A INVESTIGAÇÃO E A ESCRITA

PUBLICAR SEM PERECER

A silhouette of a person in profile, facing right, with their hand on their chin in a thinking pose. Below them is an open book with a pen resting on it. The background is a solid blue color, and the top half is filled with a dense, chaotic pattern of various letters and numbers in white and light blue.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

A Investigação e a Escrita: Publicar sem Perecer é uma coletânea publicada em Português, a partir de uma experiência de cinco anos de formação avançada extracurricular (*Publicar sem Perecer: Sobreviver ao Turbilhão*), em literacia da informação, escrita e publicação científica.

Esta é uma reflexão e uma problematização do que deve ser o papel da ciência num contexto que, cada vez mais, parece querer reproduzir na academia o mercantilismo de índole neoliberal. Aqui se lê a colaboração de autorias nacionais e internacionais que consideram uma diversidade de campos teóricos e empíricos sobre o fenómeno.

Esta obra pretende ser um contributo para identificar e questionar os problemas daí resultantes, tentando apontar algumas soluções para o mal-estar crescente que se vive no mundo académico.



I N V E S T I G A Ç Ã O



EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra
Email: imprensa@uc.pt
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc
Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra

CONCEÇÃO GRÁFICA

Imprensa da Universidade de Coimbra

IMAGEM DA CAPA

Imagem inspirada na ilustração de Demirel Selçuk, disponível em:
<http://bibliotecasemrede.blogspot.pt/2010/12/turbilhao-de-ideias.html>

INFOGRAFIA

Mickael Silva

EXECUÇÃO GRÁFICA

Tipografia Beira Alta, Lda.

ISBN

978-989-26-2155-5

ISBN DIGITAL

978-989-26-2156-2

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-2156-2>

DEPÓSITO LEGAL

492398/21

OBRA PUBLICADA COM O APOIO DE



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra



Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



PAULA SEQUEIROS
MARIA JOSÉ CARVALHO
GRAÇA CAPINHA
(ORGS.)

A INVESTIGAÇÃO E A ESCRITA

PUBLICAR SEM PERECER

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

COMISSÃO CIENTÍFICA

Angélica Lyra de Araújo, Univ. Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Eliezer Araújo, Universidade de Aveiro
Ana Raquel Fernandes, Universidade Europeia
Marinela Freitas, Universidade do Porto
Tânia Leão, Universidade do Porto
Maria Beatriz Marques, Universidade de Coimbra
Hugo Monteiro, Instituto Politécnico do Porto
Cristina Parente, Universidade do Porto
Marleide Rodrigues da Silva Perrude, Univ. Estadual de Londrina
Rogério Miguel Puga, Universidade Nova de Lisboa
Manuel João Rodrigues Quartilho, Universidade de Coimbra
João Queirós, Instituto Politécnico do Porto
Armando Malheiro da Silva, Universidade do Porto
Hermínia Sol, Instituto Politécnico de Tomar
Luciana Melo e Souza, Universidade Federal da Bahia
Inês Pedro Vicente, Universidade Nova de Lisboa
Zuzanna Zarebska, Universidade de Lisboa

SUMÁRIO

Introdução.....	9
<i>Paula Sequeiros, Maria José Paiva Fernandes Carvalho, Graça Capinha</i>	
I - Políticas da Informação e da Disseminação:	
conceitos, acessos, desigualdades	17
Palavras como flores, conceitos como cercas: literacia da informação, desigualdades sociais no ensino superior.....	19
<i>Paula Sequeiros</i>	
Repositório institucional académico da UC e políticas de acesso aberto.....	45
<i>Ana Eva Miguéis</i>	
II - O Ciclo «Publicar em Perecer»:	
o exercício da escuta na aprendizagem e na escrita.....	69
Curso «Publicar sem Perecer»: produção de saberes para uma escrita científica crítica e reflexiva	71
<i>Margarida de Cássia Campos, Marília Veríssimo Veronese</i>	
O Processo da escrita académica: imersão, aprendizagens e desafios	91
<i>Fátima Valéria Ferreira de Souza, Otto Vinicius Agra Figueiredo</i>	
<i>Another brick (against) the wall:</i> o produtivismo académico e a iniciativa «Publicar sem Perecer: sobrevivendo ao turbilhão».....	109
<i>Fernando Laércio Silva, Roberta Guerra</i>	

III - Bibliotecas Académicas:	
o seu papel na expansão da formação para a produção científica.....	131
Bibliotecas universitárias:	
atendimento humanizado e a Biblioteca Norte Sul	133
<i>Maria José Paiva Fernandes Carvalho</i>	
Ateliê dos saberes: o que esperar de uma biblioteca?	161
<i>Rachel Carvalho</i>	
O papel dos gestores de referências bibliográficas	
na produção científica	177
<i>Francisco Freitas</i>	
IV - Consolidação de Saberes. Inscrição e distorção.....	195
Investigação, inscrição, publicação	197
<i>João Arriscado Nunes</i>	
Oferta e procura de investigadores doutorados:	
distorções no Sistema Científico e Tecnológico português	215
<i>Andrés Spognardi, Ana Raquel Matos</i>	
V - Literacias Multilíngues.....	249
Práticas de comunicação científica intercultural na	
capacitação de doutorandos para a academia internacional.....	251
<i>Patrícia Silva</i>	
Algumas reflexões sobre o ensino de escrita académica em inglês	271
<i>Kate Torkington</i>	
VI - Desassossegos na Investigação	295
Ser «jovem» cientista social sem perecer na academia-turbilhão	297
<i>Rita Alcaire, Rita Grácio</i>	
Saúde mental na academia.....	323
<i>Marco Pereira</i>	
VII - Escrita Académica: normas e insubordinações.....	341

Para uma Ciência Parda: uma escrita conform(e)/ada	343
<i>Graça Capinba</i>	
Na senda da voz autoral:	
conformidade, adaptação, questionamento e transgressão	359
<i>Joana Vieira Santos</i>	
Na fronteira das palavras: a ciência, as histórias e os públicos.....	399
<i>Rita Campos</i>	

(Página deixada propositadamente em branco)

**ATELIÊ DOS SABERES:
O QUE ESPERAR DE UMA BIBLIOTECA?**

Rachel Carvalho
CES/FEUC, Universidade de Coimbra
rachelcarv@gmail.com

Resumo

Para além de uma representação cenográfica, repleta de livros, revistas, sussurros e poder, a biblioteca contribui para formação do pesquisador. Sua arquitetura é baseada em saberes diversos e sobre esse ponto de partida se faz necessário repensar e recuperar a complexidade da vida nas ciências e nas atividades humanas no que tange o método e as formas de conhecimento. A narrativa desse capítulo partirá da premissa que a biblioteca é o ateliê dos saberes e buscará realizar reflexões metodológicas que legitimem a importância da teoria e da prática para analisar as lutas e as causas sociais em que, não raramente, os pesquisadores estão envolvidos. Os autores selecionados nos convidam a tecer saberes que legitimam as diversas formas de ver e ler o mundo através das pesquisas científicas.

Palavras-chaves: Bibliotecas, Saberes, Pesquisadores, Teorias

Abstract

In addition to a scenographic representation, with plenty of books, magazines, whispers and power, a library contributes to

the researcher's development. Its architecture is grounded on diverse knowledge. From this starting point, to rethink and recover the complexity of life in sciences and in human activities in what concerns the method and the forms of knowledge is necessary. The chapter's narrative, founded on the premise that the library is the *atelier* of knowledge, aims at carrying out methodological reflections that legitimize the importance of theory and practice to analyse the struggles and the social causes that often researchers are engaged in. The selected authors invite us to weave knowledges that legitimize the diverse ways of seeing and reading the world through scientific research.

Keywords: Library, Knowledge, Researchers, Theories

Introdução

O trabalho acadêmico bem estruturado é tecido por muitas mãos. O preparo do estado da arte se faz coletivamente, amparado pelo vasto universo de conhecimento e lapidado com afincos pelo trabalho intelectual do pesquisador. O processo ensino-aprendizagem faz parte das práticas mediadoras do orientador e do bibliotecário, que colocam o aluno diante do universo de saberes, propiciando-lhe recursos de assimilação e aprendizado, porque só há ensino se houver aprendizado. É no atravessamento da teoria e da prática que a construção e a disseminação de saberes confluem para a biblioteca.

Para além de uma representação cenográfica, repleta de livros, revistas, sussurros e poder, a biblioteca é um espaço que contribui para a formação do pesquisador. Sua arquitetura é baseada em saberes diversos e é sobre esse ponto de partida que se faz necessário repensar e recuperar a complexidade da vida nas ciências e nas atividades humanas no que tange o método e as formas de conhecimento

Universidades e bibliotecas são agências sociais organizadas com a missão de servir a sociedade enquanto instâncias criadoras e propulsoras do conhecimento, estimuladoras e facilitadoras do acesso a este conhecimento (Alcântara & Bernardino, 2013, Introdução).

É na biblioteca que se agrupam os conhecimentos humanos: «É a biblioteca que proporciona o acesso aos registros do conhecimento e das ideias do ser humano, através de suas expressões criadoras, por entre as gerações» (Carpinteiro & Stano, 2003, p.2).

Amplitude do tema

Reconhecemos a amplitude do tema que nos propomos tratar neste capítulo, mas é nas palavras de Jorge Luis Borges que vos convido a refletir sobre a profundidade e sobre as possibilidades que a biblioteca pode nos permitir:

O universo (a que outros chamam a Biblioteca) compõe-se de um número indefinido, e talvez infinito, de galerias hexagonais, com vastos poços de ventilação no meio, cercados por parapeitos baixíssimos. De qualquer hexágono vêm-se os pisos inferiores e superiores: interminavelmente. A distribuição das galerias é invariável (Borges, 2003, p.63).

No conto “A Biblioteca de Babel”, Borges nos apresenta a potência da sua biblioteca que contém todos os livros imagináveis e a define como infinita. Para o autor:

A Biblioteca é ilimitada e periódica. Se um eterno viajante a atravessasse em qualquer direcção, verificaria ao cabo de séculos que os mesmos volumes se repetem na mesma desordem (que,

repetida, seria uma ordem: a Ordem). Minha solidão alegra-se com esta elegante esperança (Borges, 2003, p.72).

A alegria do autor com essa elegante esperança corrobora os ensinamentos de Wright Mills para os pesquisadores das ciências sociais. No clássico *A Imaginação Sociológica*, diz do artesanato intelectual:

Tudo isso exige notas. Teremos de adquirir o hábito de tomar grande número delas, de qualquer livro interessante que leiamos — embora, devo dizer, possamos obter coisas melhores de nós mesmos quando lemos livros realmente maus. O primeiro passo na tradução da experiência, seja a dos escritos de outros homens, ou de nossa própria vida, na esfera intelectual, é dar-lhe forma. Dar, simplesmente, nome a uma experiência nos convida a explicá-la: a simples tomada de nota de um livro é quase sempre um estímulo à reflexão. Ao mesmo tempo, essa nota é uma grande ajuda para compreendermos o que lemos (1982, p.215).

A provocação de Mills suscita as 14 propostas de definição legitimadas por Italo Calvino (1993), *Por que ler os clássicos*. De acordo com o autor, a leitura tem de ser uma atividade desinteressada, que não deve ser imposta como uma obrigação, mas ser realizada pelo prazer que a própria leitura é capaz de proporcionar. Este prazer é ocasionado porque na leitura ocorre uma espécie de reconhecimento e, nesse processo, aquilo que se lê exerce forte influência naquele que lê. A leitura dos clássicos proporciona o reconhecimento do indivíduo frente a si mesmo.

Como afirma Morin, a literatura aborda o meio social, o familiar, o histórico e o concreto das relações humanas com uma força extraordinária:

são necessários para entender que a vida não é aprendida somente nas ciências formais e a literatura tem a vantagem de

refletir a complexidade do ser humano e a quantidade incrível de seus sonhos (2001, p.6).

No «Conto da Ilha Desconhecida», de Saramago, podemos despertar para o oceano de possibilidades que o conhecimento nos presenteia. Metaforicamente, tanto a realidade social se modifica quanto as interpretações sobre ela podem ser superadas por outras que incluem mais elementos e complexidade: «Que é necessário sair da ilha pra ver a ilha, que não nos vemos se não nos saímos de nós, se não saímos de nós próprios, queres tu dizer, não é a mesma coisa» (Saramago, 1998, p.41).

Como menciona Valter Hugo Mãe:

alguns livros obrigam-nos a pôr mãos ao trabalho. Mas sem medo. O trabalho que temos pela escola dos livros é normalmente um modo de ficarmos felizes. [...] Todos os livros são infinitos. Começam no texto e estendem-se pela imaginação. Por isso é que os textos são mais do que gigantescos, são absurdos de um tamanho que nem dá para calcular. Mesmo os contos, de pequenos não têm nada. Se os soubermos entender, crescemos também, até nos tornarmos monumentais pessoas. Edifícios humanos de profundo esplendor (2015, p.151–152).

Para somar a construção da narrativa que busca ratificar a importância da biblioteca para o aluno-pesquisador, destacamos as reflexões metodológicas sobre a importância da teoria e da prática para analisar as lutas e as causas sociais em que os pesquisadores, não raro, estão envolvidos. Em sua obra *O Direito dos Oprimidos*, Boaventura de Sousa Santos (2014) nos convida a refletir sobre o processo de formação do cientista social e seu engajamento na construção do vínculo de confiança com os interlocutores envolvidos na pesquisa. Esse processo perpassa a desconstrução de si mesmo e a coprodução de saberes alternativos.

Entrelaçando os saberes: o papel da biblioteca na construção do aluno pesquisador

O entrelaçamento dos saberes é o desfecho de várias notas, ações e reflexões do pesquisador. Nesse sentido, a pesquisa bibliográfica disciplinada, crítica e ampla é fundamental para os propósitos e para a trajetória de elaboração, execução e análise da pesquisa. Para Minayo (2013, p. 151), há uma enorme variedade de fontes que uma pesquisa pode utilizar: livros, capítulos de livros, artigos de revistas científicas, revistas leigas, jornais, documentos oficiais, informações pessoais, teses, dissertações, monografias, textos não publicados, banco de dados, entre outros. O acesso a estas fontes pode se dar através da consulta de um determinado acervo disponível numa biblioteca, centro de documentação ou coleção pessoal. Entretanto, não podemos esquecer que a Internet abriu um campo imenso de acesso a diversas fontes de referências.

Freire (2011 p.20) nos chama atenção para o intelectual memorizador, que lê horas a fio, domesticando-se ao texto, temeroso de arriscar-se, fala de suas leituras quase como se estivesse recitando-as de memória — não percebe, quando realmente existe, nenhuma relação entre o que leu e o que vem ocorrendo no seu país, na sua cidade, no seu bairro. Repete o lido com precisão mas raramente ensaia algo pessoal. Fala bonito de dialética, mas pensa mecanicistamente. Pensa errado.

Tsupal (1987, p.153), citando James Thompson, apresenta que a potencialidade da biblioteca advém do simples fato de «as bibliotecas serem, historicamente, repositórios do conhecimento dos registros das realizações e descobertas da humanidade, conservando e transmitindo a cultura, e, assim, constituindo-se em uma fonte de poder».

A função da biblioteca para formação do aluno-pesquisador amplia a leitura de mundo e os caminhos possíveis para que, por meio da pesquisa, haja engajamento e contributos para delinear

metodologias que fomentem as mudanças sociais. Entende-se que a leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (Freire, 1989, p.9).

A biblioteca se caracteriza como um local de construção permanente de cultura. Destacamos os quatros pilares educacionais fundamentais para mensurar o impacto que a biblioteca tem na construção e na disseminação de conhecimento nas sociedades. Estes são: *aprender a conhecer* — adquirir os instrumentos da compreensão; *aprender a fazer* — para poder agir sobre o meio envolvente; *aprender a viver juntos* — a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; e *aprender a ser* — via essencial que integra as outras três, para melhor desenvolver a personalidade e capacidade de agir com autonomia, discernimento e responsabilidade pessoal (Delors, 2001).

Revisitando o conceito da *Paideia* (Jaeger, 1994), herança da cultura grega que, por definição, compreende a busca do conhecimento do homem da forma individual para que este possa interferir na organização política e social da *pólis*, a ideia principal é colocar o homem a par de todo o conhecimento necessário para harmonia consigo mesmo e com a comunidade ao seu redor. Compreendemos que a biblioteca tem a potente finalidade de despertar o «homem» e a «mulher» para que sejam sujeitos da sua própria história.

O ateliê dos saberes que compõem uma biblioteca é reflexo do conhecimento das necessidades de seus usuários. Toda biblioteca é um profícuo espaço de troca de saberes, conhecimentos, vivências e experiências. Para cada tipo de saber, codificações infinitas. Dialogamos com Morin (2001, p.12), que pensa que tudo deve estar integrado para permitir uma mudança de pensamento que não conceba tudo de uma maneira fragmentada e dividida, e que

impeça de ver a realidade. Essa visão fragmentada faz com que os problemas permaneçam invisíveis para muitos, principalmente para muitos governantes.

O conceito de biblioteca baseia-se na igualdade de acesso para todos, sem restrição de idade, raça, sexo, *status* social, etc. e na disponibilização aos usuários de todo tipo de conhecimento. Além disso, uma biblioteca deve constituir-se em um ambiente realmente aberto e convivência agradável, onde as pessoas possam se encontrar para conversar, trocar ideias, discutir problemas, auto instruir-se e participar de atividades culturais e de lazer:

São inúmeras as possibilidades de programação das atividades culturais (como ocupacionais e de lazer) na biblioteca. Enumerando-as sumariamente, constariam de exposições de livros, documentos, mapas, estampas e similares; realização de exposições de artes plásticas, pintura, escultura, de arte popular e de artesanato, folclore; programações de audição de música, de vários níveis e por vários meios; projeções cinematográficas, de vídeos; realização de oficinas de trabalho, laboratórios de leitura, e redação, e assim por diante (Carpinteiro & Stano, 2003, p.6).

A biblioteca tem o poder de ampliar nossas visões e a leitura do mundo; sempre será um refúgio, uma luz para os que têm sede de mudança. Ela nos incita a coragem para enfrentar e prever os desafios e incertezas do nosso tempo, ancorado na cronologia da história da humanidade. Não raro, encontraremos as respostas, mas sempre nos fornecerá condições para formular as perguntas. Lembremos de Freire: «recriar uma sociedade é um esforço político, ético e artístico, é um ato de conhecimento. Trabalho pacientemente impaciente, como diria Amílcar Cabral» (2007, p.60).

Que o pesquisador e/ou pesquisadora em formação se desnude e se deleite na vasta gama de conhecimentos que a biblioteca pode

fornecer. Sejam protagonistas das nossas narrativas, refletindo criticamente e sempre contextualizando nosso lugar de fala.

Descolonizando formas e discursos: tecendo novas redes para pesquisas

Refletir sobre o papel e a forma como a biblioteca é utilizada pelo pesquisador e quais são as narrativas que legitimam as pesquisas acadêmicas atualmente pode contribuir para democratizar o conhecimento e transformar a sociedade. O argumento que se propõe é que podemos reconhecer e buscar superar a dependência epistêmica da colonização do saber de um modo geral através da produção de novos conceitos e ideias próprias. Nosso desejo é que a biblioteca seja espaço de troca, produção e repositório de novas metodologias:

Se antes a transformação social era entendida de forma simplista, fazendo-se com a mudança, primeiro das consciências, como se fosse a consciência, de fato, a transformadora do real, agora a transformação social é percebida como processo histórico em que subjetividade e objetividade se prendem dialeticamente. Já não há como absolutizar nem uma nem outra (Freire, 1989, p.19).

A epistemologia contemporânea — não mais normativa, e sim dialógica — é necessária na busca de outras relações entre seres humanos e entre eles e a natureza. É necessária para que possamos encontrar novas bases de integração e síntese onde anteriormente existiu separação dicotômica e exclusão. É uma reflexão fundamental para a formação de novos administradores/gestores/educadores, sem certezas prontas, capazes de construir e valorizar o diálogo e a busca de novas respostas as quais,

difícilmente chegarão sem ser baseadas em novas formas de pensar (Giannella, 2015, p.354)

[...]

Desvendar este discurso, com seus ares de obviedade e naturalidade, reconhecer e desconstruir seus fundamentos é o que precisamos se quisermos provocar uma mudança de modelos, pois é sempre mais evidente, hoje, que uma mudança sociopolítica não se sustenta sem uma mudança epistemológica (Giannella, 2015, p. 342).

A negação de uma parte da humanidade é sacrificial, na medida em que constitui a condição para a outra parte da humanidade se afirmar enquanto universal. (Santos, 2007).

Ao longo de toda a modernidade foi se estabelecendo uma soberania em relação à forma como se pensava e se produzia conhecimento. Essa soberania era pautada em modelos epistemológicos hegemônicos dentro da ciência moderna, de forma a subalternizar as formas desviantes daquela institucionalizada, impedindo sua emergência ou cerceando seu desenvolvimento. Ao contemplarmos a relação intrínseca entre modernidade e colonialidade, é difícil não pensar nas relações entre nações na modernidade sem levar em consideração a dimensão colonial. É *pari passu* com a modernidade e o imperialismo colonial das nações europeias, associados intrinsecamente à expansão do capitalismo, que a colonialidade do poder e do saber se originam (Quijano, 2005).

A teoria de Quijano sobre a colonialidade propõe uma concepção da diferenciação colonial e epistêmica, em que a colonialidade se transfere do âmbito do poder para o campo do saber, construindo a colonialidade do saber que age de forma a manter a hegemonia eurocêntrica como perspectiva superior do conhecimento. A formação do contexto internacional de sistema-mundo e do paradigma moderno/colonial faz com que o fim do colonialismo não resulte no

fim da colonialidade. Mesmo após a independência do jugo colonial de outras nações, a colonialidade permanece permeando as relações. Desse modo, o jogo de poder e dominação em diversos aspectos se mantém, como no âmbito do conhecimento. As ciências sociais se constroem neste espaço de dominação e são atravessadas por essas relações de poder. O conhecimento se desenvolve dentro do espaço que lhe é «disponibilizado» e a partir da episteme «oferecida». Essa episteme está sustentada numa estrutura de poder que garante a hegemonia dos dominantes, ao mesmo tempo que deslegitima as manifestações contra-hegemônicas. Desta forma, o conhecimento está organizado segundo os centros de poder e subordina as regiões periféricas. Ao mesmo tempo, esse conhecimento hegemônico se constrói e difunde segundo a ideia moderna de ciência universal, ou seja, se propaga na periferia de forma a criar a ilusão de um conhecimento abstrato e universal (Pulido Tirado, 2009).

Descolonizar a biblioteca implica a tecelagem de uma nova rede. Ao considerar novas formas de conhecimento, o ateliê dos saberes se embasa na narrativa de vivências, experiências, trocas e curiosidade. Resignificar o processo metodológico e intelectual da pesquisa é ressignificar o espaço da biblioteca e criar novas possibilidades de transformação social. Como resultado, teremos a elaboração de pesquisas plurais, que extrapolam os repositórios das bibliotecas, pois o conhecimento gerado emerge da emancipação e autonomia dos sujeitos, o conhecimento gerado é reflexo e construído com a comunidade. Romper com a hegemonia da colonização dos saberes abre espaço para uma significativa mudança estrutural. Daqui nasce a esperança histórica, aquilo que Paulo Freire (1982) chama «inédito viável», vale dizer, aquilo que ainda não foi ensaiado e é inédito, mas que pode, pela ação articulada dos sujeitos históricos, vir a ser realidade.

É por isso que precisamos hoje, urgentemente, que gestores sociais e públicos, pesquisadores, educadores, agentes de transformação no geral possam voltar ao ponto onde isso tudo iniciou: entender a

lógica do que aconteceu, os desafios que a ciência assumiu e venceu, com relação às forças e poderes que marcavam o seu tempo; o que ela se tornou, enquanto alavanca da grande onda modernizadora do capitalismo, e como pode se transformar, hoje, se for levar a sério as suas próprias descobertas (Giannella, 2015).

Considerações Finais: um novo caminho?

O papel da biblioteca aqui exposto é questionar e possibilitar conhecer outras narrativas: as histórias dos oprimidos, dos injustiçados, dos que tiveram seus saberes apagados ou desqualificados. Para Freire (2007, p.37), o intelectual deve inserir-se, tomar parte ativa na participação das massas, e as massas tomarem parte ativa na participação do intelectual, para irem construindo juntos esse sonho possível e realizável, porque é a única maneira de responder às exigências que as massas se propõem. Nesse contexto, o papel do aluno pesquisador é se reconhecer e buscar ampliar as vozes dos que foram calados ao longo da história, a relação dialógica. Assim, a origem do sonho possível é fundamental para determinar como esse novo intelectual deve participar; não deve, então, participar da realização do sonho, mas da «origem do sonho» (Freire, 2007, p.37).

Com a citação da frase de José Saramago, em *Memorial do Convento*, «Tudo no mundo está dando respostas, o que demora é o tempo das perguntas» (1998, p.373) podemos metaforicamente expandir as fronteiras do saber, podemos, no vasto universo que Borges nos apresentou como biblioteca, propor categorias de análises que busquem compreender a inquietude da existência humana. Para Freire:

a existência humana é, porque se fez perguntando, a raiz da transformação do mundo. Há uma radicalidade na existência, que é a radicalidade do ato de perguntar [...]. Radicalmente, a

existência humana implica assombro, pergunta e risco. E, por tudo isso, implica ação, transformação (2007, p.27).

A demanda por conhecimento, a formação de pesquisadores e a necessidade de fruição de um espaço cultural são fatores que colocam a biblioteca, os bibliotecários e demais funcionários como fundamentais para a manutenção ou a reescrita da história. Acreditamos que oportunizar o acesso à biblioteca – ao conhecimento científico, às literaturas que abordem variados costumes, culturas, estéticas, e os diferentes modos de ser e estar no mundo – pode contribuir para a construção de uma sociedade mais empática e solidária com as diversidades que nos constituem.

Ademais, dialogamos com Freire:

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse o rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual. Estou convencido, porém, de que a rigorosidade, a séria disciplina intelectual, o exercício da curiosidade epistemológica não me fazem necessariamente um ser mal-amado, arrogante, cheio de mim mesmo. Ou, em outras palavras, não é a minha arrogância intelectual a que fala de minha rigorosidade científica. Nem a arrogância é sinal de competência, nem a competência é causa de arrogância. Não nego a competência, por outro lado, de certos arrogantes, mas lamento neles a ausência de simplicidade que, não diminuindo em nada seu saber, os faria gente melhor. Gente mais gente (2011, p.97).

A biblioteca é um território em constante construção e desconstrução. É nesse movimento que se constrói a vida no mundo

e a sua história. A erudição que marca a constituição da biblioteca serve de base para análise dos problemas que permeiam a humanidade e para a construção de propostas para sua superação. Não basta apenas identificar os temas, códigos e signos de interesse. É necessário ir além, é preciso aprender a refletir, a expandir nossa visão e leitura de mundo. Que toda potência do conhecimento gerado pela curiosidade da humanidade esteja cada vez mais acessível a todos e todas. O ateliê dos saberes é construído por muitas mãos, por muitas técnicas, esse genuíno conhecimento sustenta as bases da *práxis* e reforça a importância do aprendizado coletivo.

Referências bibliográficas

- Alcântara, F. L. C. & Bernardino, M. C. R. (2013). O papel da biblioteca universitária como mediadora no processo de ensino-aprendizagem nas bibliotecas universitárias na cidade de JUAZEIRO DO NORTE – CE. *Múltiplos Olhares em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, (3) 2. Acedido a 8 mar. 2020, em <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/70460>.
- Borges, J.L. (2003). A Biblioteca de Babel, *Ficções*, Porto: Público Comunicação Social
- Calvino, I. (1993). *Por que ler os clássicos?* São Paulo: Companhia das Letras.
- Carpinteiro, C.N.C & Stano, R.C.M.T. (2003). A possibilidade pedagógica da biblioteca na formação do engenheiro pesquisador. COBENGE, 2003. Acedido a 13 de ago. 2020, em <http://www.abenge.org.br/cobenge/arquivos/16/artigos/CNE291.pdf>.
- Delors, J. (2001). *Educação um tesouro a descobrir. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI*, (6. ed.). Tradução José Carlos Eufrázio. São Paulo: Cortez.
- Mãe, V.H. (2015). *Contos de cães e maus lobos*. Porto: Porto Editora.
- Minayo, M. C. S. (Org.). (2013). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Morin, E. (2001). *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. 3ª ed. São Paulo: Cortez.
- Freire, P. (1982). *Pedagogia do oprimido*, (11ª ed.). São Paulo: Paz e Terra.
- . (1989). *A importância do ato de ler*, (23ª ed.). São Paulo: Cortez.
- . (2011). *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra.
- . & Faundez, A. (2007). *Por uma pedagogia da pergunta*, (6a ed.). São Paulo: Paz e Terra.

- Giannella, V. (2015). Epistemolouque? Epistemologia para não filósofos, guiando a ação para o tempo que vem. *Revista Terceiro Incluído*, 5(1), 339–354. <https://doi.org/10.5216/teri.v5i1.36362>.
- Jaeger, W. W. (1994). *Paideia: a formação do homem grego*, (3ª ed.). Tradução Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes.
- Mills, C. W. (1975). *A Imaginação sociológica*, (4ª ed.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Pulido Tirado, G. (2009). Violencia Epistémica y Descolonización del Conocimiento. *Sociocriticism*, (24), 1 e 2.
- Quijano, A. (2005). Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: E. Lander (ed.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales*. Buenos Aires: CLACSO.
- Santos, B. S. (2014). *O Direito dos Oprimidos*. São Paulo: Cortez.
- . (2007). Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online], 78. Acedido a 8 mar. 2021, em <http://journals.openedition.org/rccs/753>. DOI: <https://doi.org/10.4000/rccs.753>.
- Saramago, J. (1998). *O Conto da Ilha Desconhecida*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Tsupal, R. (1987). Leitura e atividades culturais na biblioteca pública: aspectos teóricos. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, (15) 2. Acesso a 19 ago. 2020, em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/76153>.